

A VOZ DA POESIA¹

Affonso Romano de Sant'Anna

A poesia exige um silêncio abismal. E isto pode levar à vertigem.

Ou: a poesia é quando se está à beira de si mesmo. Cair em si, sem se perder, ou achar-se do outro lado de si mesmo. Isso exige perícia. Pois há que ouvir sons, ruídos, mensagens que fluem também do lado de fora, no exterior.

Certa vez fiquei duas horas sobre as pedras do Arpoador, à toa, apenas ouvindo o mar. O marulhar do mar. O marulhar da alma. É preciso uma certa ousadia para ouvir o nada. O nada é onde tudo começa. É de onde surge a voz da poesia.

Estranha relação entre o eu e o mundo. O pessoal e o social. Há de haver uma orquestração.

Não é de muita valia ficar chorando pelos cantos. O choro pessoal ainda não é poesia. Tem que haver algo mais: converter-se em coro.

Por isto a voz do poeta é de utilidade pública. Quando não sabemos como dizer certas coisas, pedimos a voz do poeta emprestada e entoamos uma verdade simbólica.

Rainer Maria Rilke, poeta alemão, pediu emprestado um castelo para, isolado, ouvir melhor o que os querubins diziam.

Vitor Hugo foi para as ruas e barricadas ouvir a voz do seu tempo.

Rimbaud, de repente, calou-se para sempre.

Ficou mudo.

Um zumbi perdido nos desertos africanos. Sem voz.

Quando Orfeu soava seus versos, as bestas mais ferozes se acalmavam e até as pedras o entendiam.

Como cada pássaro tem um canto especial, o poeta tem que descobrir qual é a sua voz interior. Não se cantar com a voz do outro.

Claro que alguns, na literatura e na vida, começam imitando o canto alheio. É um aprendizado.

¹ Texto escrito a propósito do projeto BR6 Convida, realizado no CCBB-Rio, e publicado anteriormente no O Globo em 12 de Agosto de 2012.

Camões ouvia Virgílio e Homero. João Cabral de Melo Neto começou ouvindo Carlos Drummond.

Na música popular a mesma coisa: Dalva de Oliveira gerou Ângela Maria. Mas João Gilberto não pode cantar como Orlando Silva ou Nelson Gonçalves. Ou vice-versa.

Cada qual no seu canto. Na sua voz.

E já que ouvir a voz interior é um risco, alguns ouvem, e desesperam. Outros tapam os ouvidos. Enchem sua vida de ruídos espetaculares.

O músico (como o poeta) faz falar o espaço em branco. Faz falar o indizível.

Pausa é música. Música é pausa no ruído do cotidiano. Música é a salvação do ruído.

E como esse mundo ficou barulhento, meu Deus!

E se a poesia é a voz oculta sob a prosa, em certas épocas a voz do cantor e do poeta são perigosas.

Elas fazem falar o silêncio, o que foi calado, reprimido.

As ditaduras nos dão estranhas lições de poesia.

Repito: poesia exige um silêncio abismal.

Ler, escrever ou ouvir poesia é abismar-se.